

JORNAL DA SOGANTAL 1974

Nº 2

O NOSSO JORNAL É PEQUENO, MAS É GRANDE A NOSSA LUTA

EDITORIAL:

Nos tempos que decorrem, a informação é uma forma de comunicação indispensável. Torna-se particularmente importante essa mesma informação entre a classe trabalhadora, na medida em que lutas isoladas de fábrica poderão servir de exemplo a outras lutas noutras fábricas.

Por isso as operárias da Sogantal, cientes da importância que o exemplo da sua luta poderá ter a nível nacional, e sobretudo da importância da divulgação dessa mesma luta,

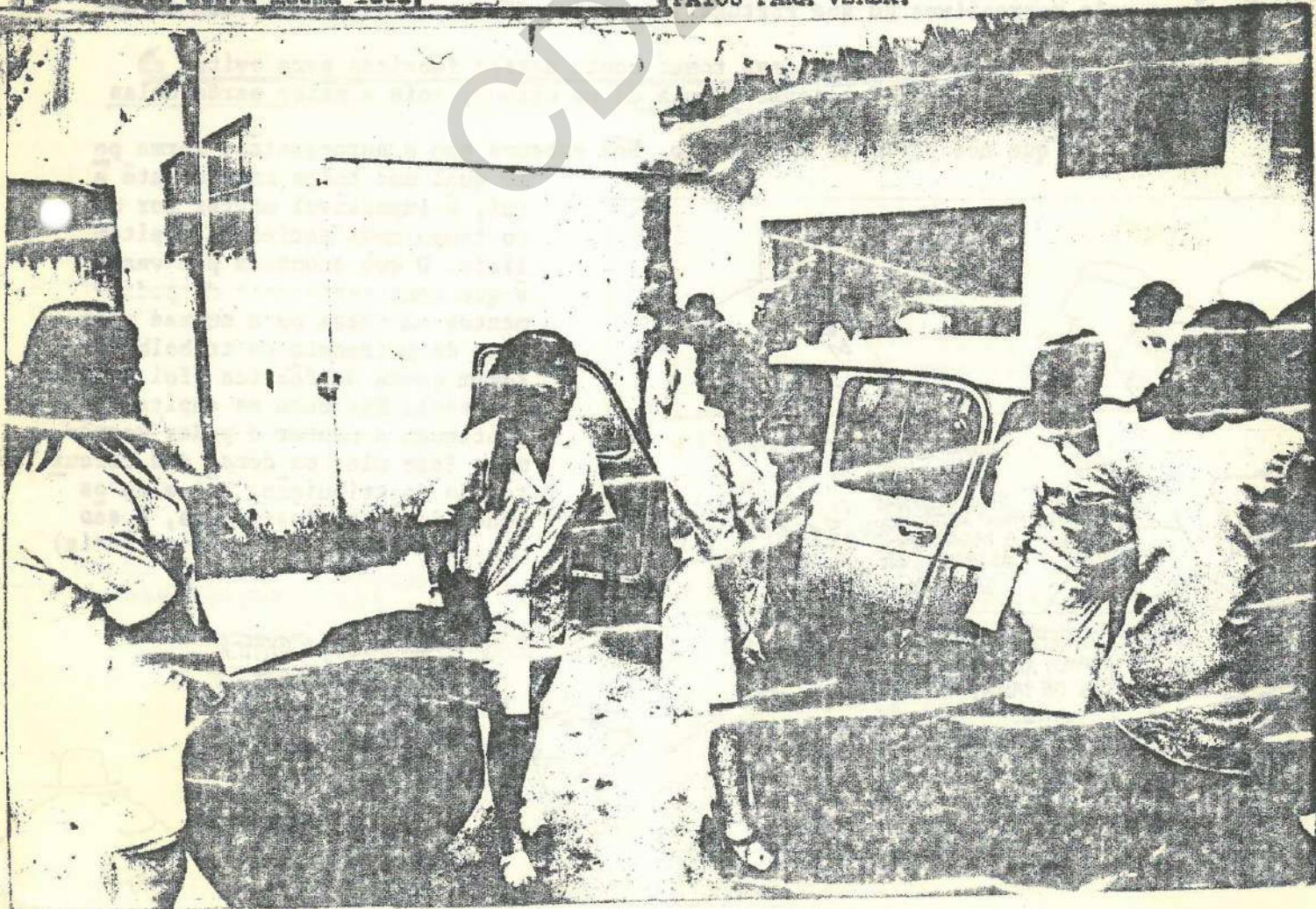
lançam o número 2 do seu jornal, jornal este que não tem como objectivo principal a angariação de fundos, (embora estes sejam necessários) mas sim a divulgação das suas formas de luta que poderão servir de base a outras lutas de iguais características.

Por isso, nós vamos divulgando como a nossa luta foi e é organizada, como preenchemos os nossos tempos livres, quais as resoluções que temos empreendido face aos problemas de diversa ordem que nos têm aparecido.



G.A.

OPERÁRIAS FAZENDO O TRANSPORTE DE FATOS PARA VENDA.



COMUNICADO:

Há já mais de um mês e mais, nós, operárias da Segantal, ocupamos a fábrica e começamos a vender a mercadoria que produzimos: fatos de treino.

Porquê?

No dia 20 de Maio, apresentamos um caderno reivindicativo à entidade patronal no qual pedíamos um aumento de 1250\$00 (o nosso salário era até então, no máximo, de 1600 escudos por mês), um mês de férias, um mês de subsídio a 13º mês.

Como o patrão se recusou a ceder perante os nossos pedidos, entramos em baixa de produção. Depois de ter saído o decreto do Governo Provisório que fixou o salário mínimo em 3300\$00 mensais (o que até é superior ao que pedíamos), soubemos que a Segantal ia fechar. Foi então que ocupamos a fábrica.

Para além disto, o patrão recusou-se a pagar os salários da última quinzena de Maio. Foi por esta razão que nos começamos a vender fatos de treino.

Entretanto, o representante da fábrica-mãe da Segantal, a Lamont, e o gerente português desapareceram, abandonando a fábrica.

Desde então até agora a Lamont não deu sinal de vida, excepto quando no início de Junho enviou um gerente à fábrica, o qual manteve a posição anterior. A nossa resposta foi que mantinhamos também a mesma posição. Não é agora depois de mais de dois meses de luta, e lá porque se aproxima o dia marcado para o encerramento da fábrica, que nos vamos ceder. É isto porque, se o fizéssemos, ou continuaríamos a ser quase tão exploradas como antigamente, ou ficaríamos todas no desemprego, pois a fábrica fecharia sem a nossa oposição.

Até agora o Governo nada fez senão cruzar os braços. O mesmo acontece em relação a outras dezenas de fábricas na mesma situação.

A Lamont, assim como outras empresas estrangeiras, montara fábricas em Portugal apenas para explorar a mão-de-obra barata. Com o aumento, mesmo miserável, de salário, estas empresas fecham as suas malas e vão montar outras fábricas em países mais repressivos do que Portugal, lançando milhares de trabalhadores no desemprego.

Nós achamos que o Estado deve tomar conta dessas fábricas para evitar desperdícios e permitir-las a funcionar depois de um estudo, pois a maior parte delas são rentáveis.

É isso que nós propomos ao Governo. Nós sabemos que a auto-gestão, forma pela qual nos temos mantido até aqui, é impossível manter por muito tempo numa sociedade capitalista. O que acontece por vezes é que como resposta a despedimentos em massa ou a outras posições do patronato os trabalhadores tomam conta da fábrica (foi o nosso caso). Mas como os capitalistas continuam a manter o poder económico (são eles os donos dos circuitos de distribuição, são eles os donos das matérias-primas, e são eles que controlam a concorrência)



(continuação da página anterior)

e também mantém o poder político, é impossível aos trabalhadores manterem a auto-gestão por muito tempo.

É por isto que no dia marcado para o encerramento da fábrica, dia 30 de Julho apresentamos ao Ministério do Trabalho e ao Ministério da Coordenação Económica uma proposta de manutenção do funcionamento da fábrica pela qual o Estado passa a ter conta da Segantal, e pela qual deixaremos de fazer fatos de treino (pois o mercado de venda é pequeno em Portugal) e passaremos a confeccionar outros tipos de vestuário.

Mas como nós precisamos de continuar a viver não podemos agora ficar parados à espera de uma resposta. Temos de continuar a vender fatos de treino para recebermos os salários.

A LUTA DAS CLASSES TRABALHADORAS TEM DE SER OBRA DE TODOS OS TRABALHADORES

A NOSSA LUTA CONTRA A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA CONTINUA

Operárias da Segantal.

SOBRE A NOSSA PROPOSTA-

Foi-nos apresentada nova e contra-proposta pelo nosso patrão, Sr. Lardat, ao nosso caderno reivindicativo, mas de maneira nenhuma a podemos aceitar, visto que os pontos principais nos foram recusados, ou sejam: 1 mês de férias, 1 mês de subsídio e 139 mes. Portanto, sendo estas as razões, juntamente com os despedimentos os pontos fundamentais da nossa luta, não mantemo-nos com o pé firme, pois se quiséssemos ceder, teríamos cedido logo no princípio e não ao fim de 2 meses de luta.

Tentaremos chegar a um acordo, mas de maneira nenhuma aceitamos o despedimento. Continuaremos aguardando uma resposta válida, mas

Esperamos até 30 de julho por uma resposta válida, que no entanto, nunca chegou.

Fizemos, então uma proposta ao Governo, na qual explicamos detalhadamente o que queremos e porque o queremos, para que dessa forma seja possível a continuação desta fábrica, que representa o pão para 46 operárias e para evitar, que essas mesmas operárias sejam postas no desemprego, onde já estão, infelizmente, milhares de colegas nossos.

FUNCIONAMENTO NO INTERIOR DA FÁBRICA:

Para que todas nós participássemos mais activamente na luta que já dura há dois meses e ao mesmo tempo adquiríssemos as informações e os conhecimentos que durante o regime fascista não poderíamos ter, decidimos numa reunião (em 10-7-74) a formação de grupos de trabalho com funções determinadas. Temos, portanto, o grupo de trabalho para fazer o "Jornal da SOGANTAL", outro para a ocupação dos tempos livres, e um grupo de vendas.

O "Jornal da SOGANTAL" é uma forma de divulgação da nossa luta, para além da venda e contacto com outros operários que, como nós, lutam contra o patronato.

O "Jornal da parede", onde todas nós podemos pôr diariamente as nossas ideias e relatar as lutas de outros trabalhadores. É necessário que nos conheçamos uns aos outros, que tenhamos conhecimento das lutas de todos nós e que nos apoiemos mutuamente pois só com união poderemos vencer.

Na ocupação dos tempos livres já se debateu o tema da Guerra Colonial e foram projectados diapositivos que nos mostraram um pouco o que são os movimentos de libertação, como é a Sociedade Nova que os povos das colónias têm construído, com escolas, hospitais e onde não se encontra a exploração do homem pelo homem. Este grupo vai debater outros temas como, por exemplo, "o que são os Sindicatos?"

Desde que os directores abandonaram a fábrica, estamos a trabalhar normalmente, mas apenas o que achamos necessário. Passamos a ter 2 horas de almoço, reduzindo assim o horário de trabalho anterior. Como temos de manter a escrita e a contabilidade em dia, tem que estar um grupo no escritório, mas esse mesmo grupo é rotativo, portanto cada dia é um grupo diferente, para que desta forma, todas possamos participar em tudo, dan-

do produção, trabalhando no escritório e vendendo fatos de treino.

No que diz respeito ao grupo de vendas, ele não se dedica propriamente a vender, mas a encontrar locais de venda e a contactar com pessoas que nos possam facilitar essa mesma venda. Além disso, ele tem também de organizar os grupos que devam ir vender, para que assim se possa ter organização no nosso trabalho.

trando desta maneira que mesmo sem patrões nós conseguimos mantermo-nos unidas e organizadas, ao mesmo tempo que vamos pagando a nós próprias os salários sem os quais não poderíamos viver e que os nossos patrões serrecusaram a pagar.





QUAL A RESPOSTA
AO NOSSO CADERNO
REIVINDICATIVO?



NÓS NÃO PODEMOS
DAR, NÃO TEMOS
LUCROS
SUFICIENTES



E NÓS COM
1600\$00
PODEMOS
VEVER?



TENHAM PACIÊNCIA
TENTEM ARRANJAR-SE,
EU NÃO POSSO DAR
NEM MAIS UM TOSTÃO



EO SEU ESTÔMA
GO É MAIOR QUE
O NOSSO!
FORA COM A
EXPLORAÇÃO
CAPITALIS-
TA



HUM!
HUM!

**MARCHAR
CONTRA OS PATRÕES-MARCHAR**

PROPOSTA APRESENTADA PELAS OPERÁRIAS DA SOGANTAL AO GOVERNO:

CONSIDERANDO:

- 1-Que o dia 30 de Junho é o dia marcado para o encerramento da SOGANTAL.
- 2-Que as operárias da SOGANTAL já afirmaram por mais de uma vez, não estarem dispostas a permitir o encerramento da fábrica e o seu conseqüente desemprego.
- 3-Que o Governo deve ter consciência de número assustador de desempregados e das manobras reacconárias de muitos capitalistas estrangeiros, que encerram as fábricas porque não estão dispostos a diminuir os seus lucros pessoais.
- 4-Que as operárias já manifestaram por forma bem clara, a sua decisão de lutar pelo seu salário e pela garantia de seu emprego.
- 5-Que a entidade patronal, já no mês de Julho, apareceu em cena, declarando que apresentaria uma proposta de reconversão da fábrica depois de cumpridas certas condições, as que as operárias responderam com uma contra-proposta que até agora ainda não recebeu resposta.
- 6- Que a autogestão praticada até agora, se revelou uma experiência de luta muito importante, mas impossível de ser continuada em sistema capitalista.

AS OPERÁRIAS DA SOGANTAL VÊM PROPOOR AO GOVERNO PROVISÓRIO O SEGUINTE:

- 1 - desde que a entidade patronal não acceda às reivindicações das operárias e não acceda às garantias de funcionamento regular da fábrica, as trabalhadoras entregam a responsabilidade da SOGANTAL ao Governo Provisório.

MOÇÃO APROVADA NA MANIFESTAÇÃO DE APOIO À LUTA DA SOGANTAL

Nós trabalhadores e estudantes presentes na manifestação de apoio à luta das operárias da SOGANTAL, porque consideramos:

1. Que a exploração capitalista continua;
2. Que a maior parte dos despedimentos que há agora são devidos a manobras do patronato, que para não diminuir os seus lucros fecham as fábricas, lançando no desemprego milhares de trabalhadores;
3. Que a luta das operárias da SOGANTAL é uma luta justa, porque é uma luta contra o fecho das fábricas, os despedimentos e melhoria das condições de vida;

4. Que o governo não tem feito nada para impedir os despedimentos e que até agora não respondeu às propostas das operárias da SOGANTAL, que pedem a sua interferência para impedir os despedimentos e garantir os salários;

Reafirmamos perante o Governo o nosso apoio à luta das operárias da SOGANTAL, que por ser uma luta contra a exploração capitalista e os despedimentos é uma luta de todos os trabalhadores;

Exigimos uma resposta por parte do Governo, o mais rápida possível aos despedimentos e à proposta de reconversão da fábrica, apresentadas pelas operárias da SOGANTAL.

(continuação da pág. anterior)

I

Há dois meses que lutamos
Por uma causa que é justa
O que nós reivindicamos
Aos patrões nada custa

II

O salário não nos pagaram
Por baixa de produção
Dar à sola eles pensaram
Sem nos darem um tostão

III

Ficamos abandonadas
SEM patrões e sem gerente
Fomos muito exploradas
Quem manda agora é a gente

IV

Temos lutado bastante
Acredita e podes crer
Lembramos a cada instante
O que estamos a sofrer

V

Patrão explorador
És o único culpado
Seja que de maneira for
O operário é explorado

VI

A altura não é para festa
Pensa nisso camarada
Situações como esta
Temos que dar por acabada

VII

Viva o nosso Portugal
Podes gritar à vontade
Apoiando a nossa luta
As operárias da Sogental

2 - essa responsabilidade pode traduzir-se em 3 pontos:

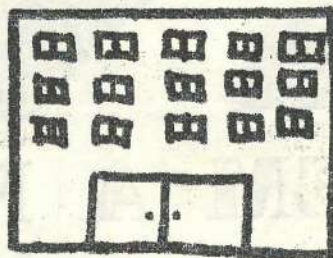
- o Governo assegura a reconversão da fábrica, e a venda dos produtos fabricados em circuito comercial;
- o Governo assegura a reconversão da fábrica comprando directamente os produtos fabricados (per ex.: fardamentos oficiais);
- o Governo não assegura o funcionamento da fábrica mas garante o salário aos trabalhadores.

3 - as operárias, no prazo máximo de 15 dias, a contar de dia de hoje, comprometem-se a entregar às entidades competentes um projecto de reconversão da fábrica.

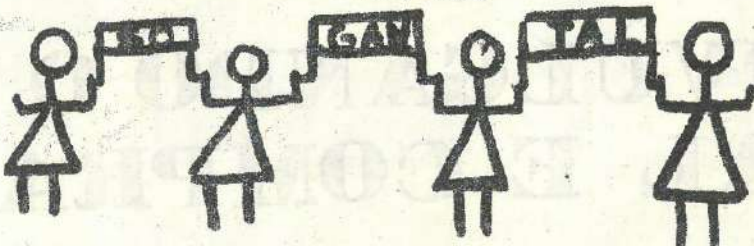
4 - até uma resposta favorável do Governo, as operárias veem-se na necessidade de assegurar o seu sustento e, deste modo continuam a vender fates de treino.

5 - para a concretização de ponto 4, é necessário que o Governo assegure a não interferência das alfandegas portuguesas, na saída de fates de treino, para serem vendidos no estrangeiro, fora dos circuitos comerciais.

Por outro lado, pede-se a interferência do Governo junto de quem de direito, para autorização de venda em parques de campismo nacionais.



← MINISTÉRIO DO CAPITAL



apoiem a nossa luta

Enfim vamos lutar na defesa intransigente dos nossos interesses de trabalhadores.

Contra o capitalismo
E contra os exploradores
Acabemos com o fascismo
E vivam os trabalhadores

PARA COMPRAR FATOS DE TREINO
CONTACTAR COM:
-SOGANTAL-tel.-231288.
-SINDICATO DAS COSTUREIRAS,
tel-555571.



A CAMPANHA DO 1000º FATO

No dia 1 de Agosto iniciamos uma campanha que tem por fim conseguirmos a venda do 1000º fato de treino.

Até agora, a venda de fatos tem recebido um grande apoio da população em geral, estando já vendidos centenas de fatos, o que garantiu até agora os nossos salários. A venda têm-se feito não apenas em Lisboa e arredores, mas também em Setúbal, Porto, Faro, Marinha Grande, etc.

A nossa campanha tem como fim uma maior divulgação da luta entre os trabalhadores, e também o conseguirmos alargar mais a venda, atingindo outras zonas do país.

O limite desta campanha será o dia 10 de Agosto, estando prevista ainda no mês de Agosto uma festa de solidariedade trabalhadora, na Sogantal.

Para conseguirmos vencer, necessitamos também do apoio de todos os trabalhadores e da população em geral.

**APOIEM A NOSSA LUTA,
DIVULGANDO O NOSSO JORNAL
E COMPRANDO FATOS
DE TREINO**

